

Os bancos são "íngnatos"

Heitor Tepedino

Os banqueiros internacionais estão sendo "drasticamente injustos e íngnatos" com o Brasil, suspendendo-se as negociações da dívida externa unicamente pelo diferença de 0,125 por cento do "spread", que no correr de sete anos, irá representar apenas US\$ 300 milhões de dólares. Tal desabafo é de uma alta fonte da área econômica. Adiantou que o Brasil tem todas as condições de obter o que está pedindo, pelo seu papel de sacrifício no auge da crise, evitando um caos no mercado internacional.

Ao enfatizar que o Brasil deve ter um tratamento especial por parte dos nossos credores é uma questão de justiça, esta mesma fonte ponderou que no momento em que vários países entraram em moratória, seja a Polônia, o México ou a Argentina, o Brasil optou por consumir todas as suas reservas internacionais para cumprir com os seus compromissos externos, seguramente evitando maus momentos para o setor financeiro mundial.

No entender desta alta fonte da área econômica, está na hora de se ter o reconhecimento dos banqueiros internacionais do papel decisivo do Brasil num momento

crítico para todos, levando-se em conta que o Brasil cumpriu com todos os seus compromissos, evitou atrasos nos pagamentos, honrou tudo o que devia, além dos sacrifícios para a economia interna.

Por outro lado, existe o reconhecimento que em matéria de prazos os banqueiros estão acatando as pretensões das autoridades brasileiras, estabelecendo-se que nos primeiros sete anos os compromissos a serem pagos irão sofrendo minireajustes, com a inclusão de parcelas maiores nos nove anos seguintes.

Contudo, apesar do esforço dos negociadores brasileiros, os banqueiros não querem abrir mão de um "spread" maior para os empréstimos do Brasil, numa atitude totalmente intransigente, sem nenhuma preocupação com os problemas sociais que os brasileiros foram envolvidos como efeito de peso da dívida externa.

Além disto, ressalta-se que o governo dirigiu todos os seus esforços para dar à economia brasileira um rumo que lhe permitisse cumprir os seus compromissos externos, com destaque para a árdua tarefa concretizada na balança comercial, que proporcionou um superávit no ano passado de mais de US\$ 12

bilhões de dólares. Dentro da regra da economia, um país começa a pagar a sua dívida externa no momento em que a sua balança comercial gera superávits, o que significa que o Brasil está exportando divisas para os banqueiros, com os recursos apurados no comércio internacional.

Apesar de todo esse esforço brasileiro, os banqueiros internacionais se fazem de surdos e mudos diante dos apelos dos negociadores, querendo dar para o Brasil o mesmo tratamento que deram ao México, Polônia, entre outros países que solicitaram moratória e deixaram esses mesmos banqueiros em pânico, frente às incertezas do recebimento dos seus créditos.

Decepcionados com a atitude dos nossos credores, os ministros da área econômica continuarão procurando evitar medidas unilaterais ou retirar-se da mesa de negociações a "la União Soviética", pretendendo-se fazer ver que a seriedade brasileira no correr das recentes crises lhe dá o direito de pleitear um "spread" melhor do que um México que decretou a moratória. No entanto, não existe muito entusiasmo no sentido de que os banqueiros internacionais ficarão comovidos com a posição brasileira.